

OLHARES DESCONFIADOS

Carlos Eduardo Albuquerque Miranda

O projeto *Linguagem e Arte Cinematográfica na Educação – tecnologia, imaginação e memória* é fruto híbrido de um conjunto de ações na universidade e em escolas de rede municipal de Campinas. Apoiado na idéia, ainda informe, de uma pedagogia da criação, sua utopia é a produção de obras cinematográficas em contextos educativos, ou seja, a conjugação de uma escola de cinema com diversos lugares em que se faz educação, incluindo a escola. Várias acepções da palavra escola estão sendo jogadas na construção do projeto.

Fazer cinema é uma forma específica de captura de imagens que confronta o mero registro técnico da realidade. Fazer cinema não é apenas fazer filmes. Fazer cinema é criar imagens para contar histórias e fazer história. Deslocar o desejo de apreensão empírica da realidade, que floresce na possibilidade técnica de reprodução do real; focar o desejo de construção da realidade com a própria realidade.

Fazer cinema é expressar a realidade pela realidade (Pasolini, 1982). Se a consciência é resultado do contato social do indivíduo com a realidade e consigo mesmo e o resultado da própria atividade do sujeito no mundo (Geraldi, 2006) então, fazer cinema é, também, conhecer a realidade e a si mesmo como sujeito que se expressa e age com a linguagem da realidade, a linguagem da ação. A realidade não é senão cinema em estado de natureza. (Pasolini, 1982)

Nascido tolo, nascido do registro de vídeo no contexto escolar, o projeto olha desconfiado para este olhar empírico e deseja livrar-se de imanência do real, transcendê-lo para transformá-lo, transformá-lo para transcendê-lo. Como desconfiança opõe-se à crença de que a real se deixa

olhar simplesmente pela contemplação, pois a natureza que fala à câmera não é mesma natureza que fala ao olhar (Benjamin, 1993). Como desconfiança afasta-se do registro para se aproximar do ato criativo e, ainda, como desconfiança é desejo intenso de conhecer, pela imaginação e memória, os espaços e tempos de pensamentos imaturos.

Como uma forma que quer ser outra, como um roteiro de cinema (Pasolini, 1982), o projeto *Linguagem e arte cinematográfica na educação* nasceu extensão e quer ser pesquisa. Estudo acadêmico de linguagem e aprendizagem, estudo estético de arte e educação, estudo artístico para enriquecer o espírito. Pesquisa de professor e de aluno, pesquisador universitário, mestrado, doutorado, iniciação científica. Pesquisa também para quem faz arte, para quem faz cinema. Professores, alunos e realizadores devem estar juntos para fazer cinema na escola, na educação, na escola de cinema. Um consumindo o outro, um valendo-se do outro, cada um aprendendo a paixão do outro.

A pesquisa sobre fazer cinema na educação – situada em assistir cinema e no fazer cinema –, a exemplo de seus antecedentes¹, tem três modalidades. Pesquisa em acervo de documentação impressa, documentação digital e analógica sobre educação e cinema. Pesquisa com os sujeitos da educação, analisando crítica e criativamente a representação destes nos filmes e debatendo-os como intérpretes da cultura produzida para eles. Pesquisa sobre o trabalho de produção e criação, produzindo e criando, sendo os sujeitos autores e atores de sua própria cultura.

Olhares desconfiados. Tivemos que fazer de nossa fraqueza a nossa força. Não se acredita na imagem, não se acredita que a escola pode fazer arte, constituir cultura. Não se acredita no cinema, não acreditamos na educação. Não acreditam na escola. Não se acredita na arte. Não se acredita na escola de cinema, não se acredita em cineclube. Às vezes, desconfiamos de nós. Mas os olhares desconfiados não são destituídos de desejo. Curiosa desconfiança. Medo? Desejo?

Ao desenvolvermos as primeiras ações do projeto na Escola Municipal Presidente Humberto Alencar Castelo Branco em Campinas no Estado de São Paulo, nós descobrimos que não havia espaço para se fazer cinema na escola. O desejo da escola era superar os registros de vídeo e a assistência passiva de filmes em sala de aula. Nosso desejo era aproveitar o desejo da escola para fazer cinema. Após as primeiras oficinas de cinema, a escola acolheu o projeto do seu jeito. Havia um passo a dar antes de produzir cinema na escola. ‘- Um passinho para trás, por favor’, assim nos disse a coordenação e a direção. Este passo era contaminar a escola com o cinema. O cinema virou o tema das reuniões quinzenais de trabalho docente em 2009 e o eixo mobilizador da avaliação diagnóstica da escola em 2010. Fizemos registros de vídeo, fizemos televisão, fizemos estudo do meio com o vídeo, mas ainda não fizemos cinema.

Nossa outra parceira, a Escola de Ensino Fundamental Professor Vicente Ráo, também do município de Campinas em São Paulo, fez reportagens documentais, videoclipe, mas também ainda não fez cinema.

Falta-nos enfrentar um olhar desconfiado – o olhar do aluno. Não nos resta dúvida de que quem é capaz de fazer cinema é o aluno. O consentimento dos professores e da equipe dirigente nós temos. Alguns estão empenhados em fazer junto. Colocar o aluno do outro lado da câmera é agora o nosso desejo e desafio.



REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 165-196.

GERALDI, W.; BENITES, M; FICHTNER, B. *Transgressões divergentes: Vigostski, Bakhtin, Beteson*. Campinas- São Paulo, Mercado de Letras, 2006

PASOLINI. Pier Paulo. *Empirismo Herege*. Lisboa: Assírio e Alvin, 1982.

sobre o(a) autor(a):

Graduado em pedagogia pela Faculdade de Educação da Unicamp, tem mestrado de doutorado em Educação pela Unicamp. Pesquisador e líder do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Audiovisuais Olho.

¹ Antecedentes: O projeto Currículo e Linguagem Cinematográfica na Educação Básica sob direção da Professora Adriana Fresquet da UFRJ e o projeto Cinema em curs, Barcelona, sob a direção de Professora Nuria Aidelman Feldman. Ambos são tributários de Alain Bergala cineasta e crítico de cinema que assumiu em 2000 a Mission de cinq ans junto ao Ministério de Educação e Cultura da França, durante a gestão de Jack Lang e que tinha como objetivo introduzir as artes na escola, entre estas, o cinema.